

ORIENTAÇÕES DE COMUNICAÇÃO SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

A proteção e a promoção dos direitos da infância e adolescência também devem ser contempladas na forma como falamos e comunicamos este assunto.

Alguns cuidados com a comunicação são fundamentais para proteger e não estigmatizar as crianças e adolescentes que estão sofrendo alguma forma de violência ou negligência.

Algumas expressões ou jargões podem causar a “revitimização”, causando um efeito inverso ao que nos propomos. Esse cuidado é ainda mais importante quando estamos falando de violência sexual, um tema complexo, delicado, rodeado de tabu e de silêncio.

Comunicar este não é uma tarefa fácil para quem não está no dia a dia dessas discussões. Além da dificuldade em acompanhar as mudanças nos termos utilizados, surgem também muitas quanto à forma de abordagem.

A **Childhood Brasil** preparou este documento para orientar profissionais de comunicação na redação de matérias, releases, campanhas ou qualquer outro material que fale sobre o assunto.

ENTENDENDO CONCEITOS

Violência sexual

É qualquer ato sexual praticado por pessoa mais velha contra uma criança ou adolescente. Pode ocorrer com ou sem contato físico, dentro ou fora de casa e também como forma de exploração comercial.

Diversos fatores podem favorecer esse tipo de violência, eles vão além da condição de pobreza. Entre eles estão questões de gênero, hábitos culturais, erotização do corpo da criança e do adolescente pela mídia, consumo de drogas, disfunções familiares e baixa escolaridade.

Ao contrário do que muitos imaginam, a violência sexual pode acontecer em todas as classes sociais. Ela pode se manifestar de duas formas: abuso e exploração sexual.

Abuso sexual

Qualquer ato de natureza ou conotação sexual em que adultos submetem menores de idade a situações de estimulação ou satisfação sexual, imposto pela força física, pela ameaça ou pela sedução. O agressor costuma ser um membro da família ou conhecido.

Exploração sexual

Pressupõe uma relação de mercantilização, em que o sexo é fruto de uma troca, seja ela financeira, de favores ou presentes. A exploração sexual pode se relacionar a redes criminosas mais complexas e podendo envolver um aliciador, que lucra intermediando a relação da criança ou do adolescente com o cliente.

ORIENTAÇÕES DE COMUNICAÇÃO SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Consequências

O abuso e a exploração sexual são crimes graves, que deixam marcas profundas nos corpos das vítimas, como lesões, contágio por doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce. Mais do que isso, a violência sexual prejudica profundamente o desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes, gerando problemas como estresse, depressão, baixa autoestima e maior tendência ao suicídio.

COMO A MÍDIA PODE ATUAR EM FAVOR DESTA CAUSA?

Mobilizar a sociedade: todos por uma infância livre!

Para que a sociedade se engaje é preciso que ela entenda, em primeiro lugar, qual é a importância deste assunto. A violência sexual é um assunto complexo, de difícil entendimento. Sugerimos que os textos sejam, portanto, simples e objetivos, e expliquem o tema de maneira clara. Convém lembrar que é papel de todos proteger crianças e adolescentes. A sociedade, ao temer falar sobre o assunto por questões morais, ao achar que o problema é do outro porque não há nada “de errado” acontecendo dentro de casa e evitar denunciar situações suspeitas, deixa de cumprir o seu papel.

Canais de denúncia

Sempre que possível, os comunicados devem dar o serviço de locais de acolhimento e canais de denúncia nacionais ou regionais. É importante checar sempre se os telefones, sites e outros contatos informados são atualizados. Informe previamente tais canais sobre sua matéria ou campanha e a demanda que pode ser gerada pela mesma – dessa forma, você deixa os órgãos competentes preparados para ação.

Canais nacionais: Ligue 100 (ligação gratuita e anônima de qualquer lugar do Brasil).
Para denunciar crimes na internet, acesse www.denuncie.org.br

Outros canais: Conselho Tutelar, Polícia Militar, Delegacias especializadas em infância e adolescência, Polícia Rodoviária Federal.

Expressões adequadas

Algumas expressões devem ser evitadas por serem inadequadas.

Em vez de dizer “menores”, use: “crianças e adolescentes”, “meninos e meninas”, “garotos e garotas” e menores de idade. MOTIVO: o termo “menor” usado para designar crianças e adolescentes tem sentido pejorativo. A definição remete ao Código de Menores, Lei 6.697/67, revogado em 1990, a partir da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Antes dos anos 90, o termo era usado para designar meninos e meninas para os quais o Código se destinava, ou seja, em situação de abandono, de trabalho precoce ou em conflito com a lei. Recomenda-se também evitar outras expressões pejorativas como “delinquente” ou “moleque”.

ORIENTAÇÕES DE COMUNICAÇÃO SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Em vez de usar “prostituição infantil”, “menores que se prostituem” ou “meninas prostitutas”, dê preferência a “exploração sexual de crianças e adolescentes”, “exploração sexual comercial de crianças e adolescentes”, “exploração sexual infanto-juvenil”, “crianças e adolescentes explorados sexualmente” ou então “crianças e adolescentes em situação de exploração sexual”. **MOTIVO:** a palavra “prostituição” remete à ideia de consentimento, desviando o enfoque da exploração. Isto é, tira a criança e o adolescente da condição de vitimados, transportando-os para o papel de agentes da situação. Quando crianças e adolescentes são levados a participar de atos sexuais ou pornográficos, estão sendo explorados sexualmente. Trata-se de uma violação de seus direitos fundamentais: indivíduos com mais poder (físico, psíquico, econômico ou social) subjagam os mais frágeis. Para melhor descrever esses casos, o correto é usar o termo “exploração sexual de crianças e adolescentes”, evitando até mesmo a palavra “prostituído”, para que o leitor, expectador ou ouvinte não se confunda, remetendo a “prostituição”.

Em vez de usar “menores trabalhadores do sexo”, refira-se a eles como “crianças e adolescentes em situação de exploração sexual” ou “crianças e adolescentes em situação de exploração sexual comercial”. **MOTIVO:** embora esteja baseada em uma relação comercial – constando, inclusive, como uma das piores formas de trabalho infantil de acordo com a Convenção 182 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) – a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes vai além do uso da mão de obra, configurando-se como uma das mais graves violações aos direitos da infância.

Em vez de usar “combate”, recomenda-se “enfrentamento”. **MOTIVO:** o termo combate traz a ideia de ação pela força, luta, batalha. Enfrentamento, por sua vez, evoca a reunião de diferentes esforços e estratégias para transformar uma realidade. Em nosso caso, queremos reunir diferentes pessoas e instituições para prevenir a violência sexual de crianças e adolescentes, além de mobilizar a sociedade para a proteção de crianças e adolescentes.

O uso indiscriminado do termo “pedofilia”

A palavra “pedófilo” vem cada vez mais se popularizando nas manchetes de jornais, programas de televisão, campanhas e na fala de pessoas comuns, indignadas com crimes de violência sexual contra crianças e adolescentes.

A mídia usa este termo indiscriminadamente para atrair audiência: quase todas as manchetes de jornais que denunciam crimes de abuso e de exploração sexual trazem o termo “pedófilo” como sinônimo de qualquer adulto que abusa ou explora sexualmente de crianças e adolescentes. Mas não é bem assim...

MAS, AFINAL, O QUE É UM PEDÓFILO? De maneira geral, trata-se de uma pessoa que sofre de um distúrbio psíquico que o leva a se sentir atraído sexualmente por crianças e adolescentes. A pedofilia é uma doença e não simplesmente uma perversão.

A pedofilia pode ou não levar ao abuso sexual de crianças e adolescentes. Alguns pedófilos materializam sua atração sexual por crianças e adolescentes por meio de atos sexuais,

ORIENTAÇÕES DE COMUNICAÇÃO SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

enquanto outros ficam apenas no terreno da fantasia e não chegam sequer a tocar em uma criança ou adolescente.

Portanto, não podemos dizer que todos os pedófilos cometem abuso sexual. Ou que todos os agressores sejam pedófilos. E o que pode parecer um detalhe, um preciosismo semântico, passa a ser algo a se considerar. A generalização do termo pode estigmatizar quem precisaria de tratamento e nem sempre representa risco real.

COMO AGEM OS AGRESSORES? Muitos agressores agem de forma sedutora, conquistando a confiança de crianças e adolescentes, para desenvolver atividades sexuais sem o emprego de força física ou atos de crueldade.

No mundo online, através de chats (bate papo) ou redes sociais, podem se fazer passar por jovens ou crianças da mesma idade que as vítimas, tornando-se amigos e criando uma atmosfera acolhedora, que pode gerar dependência na relação. Eles introduzem temas sexuais nas conversas com o propósito de eliminar paulatinamente com situações de inibição. Os abusadores podem sugerir às crianças e adolescentes que liguem a webcam e transmitam suas imagens, gravando-as e usando este material para chantageá-los caso não se submetam às suas vontades.

Há também adultos, que não são necessariamente pedófilos e nem praticam o abuso sexual físico, que produzem, vendem ou trocam pornografia infantil, beneficiando-se economicamente de imagens de crianças e adolescentes. Este crime está previsto em lei.

Não expor crianças e adolescentes em hipótese alguma

Um dos desafios de quem trabalha com comunicação e violência sexual é administrar o uso de fotos e vídeos em jornais, revistas, tevês, peças informativas, campanhas e sites. Embora o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) seja claro – seu Artigo 17 recomenda a preservação da imagem e da identidade de meninos e meninas – há muitos veículos de comunicação e campanhas que ainda expõem garotos e garotas vítimas das mais diferentes formas de violação de direitos, inclusive a exploração sexual.

Confira recomendações para uso de imagens segundo as diretrizes estabelecidas pelo ECA:

- Não utilizar tarjas pretas nos rostos das crianças. A tarja não garante a proteção da identidade da vítima, que pode ser identificada por meio de outras partes do corpo, ou até mesmo por roupas e objetos pessoais. Além disso, recursos desse tipo podem reforçar estereótipos e passar uma imagem negativa.
- Evitar a identificação de crianças e adolescentes vítimas de violência por meio do uso das iniciais dos nomes. Além de fortalecer um aspecto pejorativo construído ao longo dos anos, se associado a outras informações contidas no texto, esse dado pode permitir a identificação da vítima por parentes, conhecidos ou vizinhos.

ORIENTAÇÕES DE COMUNICAÇÃO SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

- Não adianta preservar o nome da vítima e, na contramão, estampar uma foto da mesma, fornecer imagens e dados de sua residência ou lugares por ela frequentados, ou, ainda, mencionar nomes de parentes. Embora pareça impensável, esta ocorrência ainda é muito comum na cobertura jornalística.
- Recursos técnicos como a contraluz, a distorção da voz e a imagem desfocada da criança ou do adolescente podem ser utilizados para preservar a identidade e a integridade de meninos e meninas violentados sexualmente.
- Recomendamos nunca usar fotos de crianças e adolescentes em situação de violência. Essas imagens chocam mais do que sensibilizam. Busque sempre imagens que tragam abordagens positivas e não negativas.

OUTRAS RECOMENDAÇÕES IMPORTANTES

A definição do público alvo da comunicação é fundamental para não incorrer em erros de abordagem. Por exemplo: se o material tiver como público crianças e adolescentes, é recomendável buscar imagens e linguagem adequada para a faixa etária, priorizando um enfoque didático e mensagens educativas. Busque exemplos de campanhas ou comunicados na internet e com outros parceiros para ter referências adequadas e assertivas.

Tenha cautela quando divulgar informações sobre o perfil de exploradores, ou sobre possíveis sinais de exploração.

Abordagens sensacionalistas podem provocar pânico na sociedade e contribuir para revitimizar as crianças e adolescentes. Apure os fatos e busque organizações locais de proteção à infância e adolescência contra a violência sexual para se informar sobre os principais problemas na região e discutir o que é mais estratégico abordar e informar.

Havendo dúvida, a **Childhood Brasil** estará sempre à disposição para orientar e auxiliar na construção e revisão de textos e comunicações que protejam crianças e adolescentes contra a violência sexual.

NÃO SE ESQUEÇA de submeter à aprovação da **Childhood Brasil** qualquer material de comunicação que faça uso da logomarca da organização.

Contate-nos: childhood@childhood.org.br